



Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Calvário

Para enfrentar corajosamente uma situação difícil, às vezes é necessário um bom tónico. Doutra sorte sucumbimos. Sabendo, pois, o que me esperava naquela manhã, demorei-me ao longo do percurso, na contemplação deliciosa da paisagem.

Paiva ficou à esquerda. A estrada enfia-me por entre verde constantemente variado. No fundo dos vales, o Douro desliza lento ao encontro da foz. Serpenteia sinuosamente, esbarrando com as rochas das margens e as pedras do leito, lavadas ao longo dos séculos. As encostas gemem água por todos os lados. Riachos tombam das alturas, desfeitos em espuma rendilhada e alba. As pontes de granito respeitam o seu passar e são miradouros de beleza! A estrada começa a subir. Cinfães surge aos poucos, com marcas bem fortes do passado. Não paro. Início a escalada do Montemuro, gigante sóbrio, com pedras toscas semeadas por todo o lado na vegetação rasteira. O rio já não se vê, perdido no fundo das encostas íngremes. Povoados pequenos e pobres surgem aqui e além, no silêncio das alturas. Rebanho de cabras e ovelhas procura pastagem. O pastor, de cajado na mão, olha-me e sauda-me com um aceno. Ao longe, homens labutam nos campos.

Chego ao lugarejo que procurava. Fica a escorregar na vertente da serra. Carreiro, em lajedo de granito, por onde jamais passou veículo diferente do carro de bois, cortado por fios de água pura, leva-nos às ruínas da povoação. Duas crianças, que encontro, conduzem-me, saltitantes, à morada do pobre enfermo que procuro. Tudo em pedra, caminhos e habitações. Dureza externa a condizer com a aspereza do viver. Estamos defronte de pequena moradia, que afinal é arrecadação de gado e lenha.

— É aquela porta — apontam os meus cicerones.

Esta, forrada de zinco, range ao empurrá-la. Dum lado, lenha e pertences de lavoura. Do outro, deitado no chão, sobre papéis e sacos, coberto de trapos, o pobre enfermo. É um ser anormal, a viver sózinho neste pardeiro. Não fala, não conhece ninguém. O pai é incógnito. A mãe faleceu há quatro anos. Aos nove anos este «desgraçado» queimou-se, ficando as pernas coladas às coxas. Está enrolado com os joelhos a tocar na face. Vizinha amiga vem aqui, de vez em quando, trazer comida e mudar trapos.

Tenho visto situações aflitivas de miséria. Esta é semelhante às piores que conheci.

Dou por mim estático e

pensativo. Ouço os clamores dos que reclamam por direitos, dos que acham pouco o quanto possuem e usufruem. Tivesse este Pobre consciência e voz que poderia mandar calar todos os portugueses e dizer bem alto que está à frente de todos no direito de reclamar direitos, pois até o de existir como ser humano lhe é regateado. E eu gostava de ir a todas as Assembleias da nossa República, para dizer que façam silêncio, porquanto há alguém, que ainda não foi ouvido, e tem mais necessidade ser escutado do que todos os demais. Mas não. Caía na encruzilhada banal dos caminhos que não conduzem a parte alguma. Perdia o meu tempo. E entretanto este Pobre não era acolhido.

Dizia-me, há dias, engenheiro do Porto:

— É preciso encarar, a sério e a nível nacional, o problema da gente, como a que tem em sua Casa.

Pois é. Tantos o têm dito. Mas estamos à espera uns dos outros e ninguém começa. Pegar neste enfermo ao colo, e arrancá-lo do poiso degradante em que vive, já é começar a sério a solução do problema. Deixá-lo lá é que não. Ficar em casa aguardando que outros o façam é que não. Mas a maior parte permanece instalado no seu viver.

Religiosa da mesma cidade desabafa ao ver estes doentes:

— Ai que eu não tinha coragem para tratar destes doentes!
Eu respondi:

Cont. na 3.ª pág.

O nosso dia-a-dia

Os nossos dias são cheios. Cheios de tudo...! Trabalho nas oficinas e no campo; a escola de manhã para os miúdos e de tarde para os adultos; a Tele-escola e as aulas nocturnas no Liceu. Tempos livres, com actividades recreativas ou culturais. O desporto, agora, mais virado para o atletismo, graças à boa dinamização do Alvaro Candeias. Até já se vêem pés descalços a correr! A sapatinha não faz o atleta, mas ajuda. O cinema, com filmes emprestados tão amigavelmente por um Grupo Recreativo e Cultural, ajuda-nos nestas tardes chuvosas de inverno. Só há que ter em atenção ao negativo das fitas... É o caso da última. Poucas dezenas de polícias brancas a destroem grupos de centenas de índios «bandidos». Racismo!

Festas. Só a título particular. É a vez de Castro Daire que, a pedido do P.e Adriano e do P.e Abruñosa, espera por nós no próximo fim-de-semana.

Alegria. Sorrisos. Braços no ar. É um pequeno grupo da Casa do Gaio de Benguela — Angola.



Venda do jornal. De quinze em quinze dias, o jornal é pre-ocupação. A começar pelo Jlio, no pedido de material, e terminar nos pequenos vendedores que em cidades e vilas fora dão um pouco de vida que temos, ou não cumpre e então dão problemas. É caso de hoje. Casos raros mas... Casos dos que «arranharam» alguns jornais, por falta de interesse, preguiça. Foi um que fez, mas não conseguiu ainda e é o grupo todo a pagar. A mentira compromete a Comunidade. E a justiça deve ser feita em Comunidade. O «Rebuçados» falou que não um juiz: «Sofremos todos castigo por causa de um, ma-

Cont. na 3.ª pág.

Lançamento do segundo volume «DOU TRINA»

Dentro dos nossos condições malismos — e salvo qualquer imprevisto — a expedição do segundo volume do livro DOU TRINA ficará quase arrumada após esta edição de O GALATO.

Na hora em que escrevemos Veiga, Conceição, Cereja, Sabino e Quim Oliveira continuam com o resto da obra em mãos para satisfazermos a natural impaciência dos assinantes da nossa Editorial, ainda por servir.

Estão a chegar muitos pedidos de DOU TRINA — e outras obras da nossa Editorial — sobretudo via postais RSF! E a correspondência dos leitores — como sempre — é bastante significativa. Um catedrático de Universidade de Coimbra sugere que devíamos ter inserido um índice no fim do livro, o que muito o valorizaria, permitindo assim que se relessem «mais facilmente, de vez em quando, algumas páginas». Mea culpa!

Uma livraria invoca conceitos de marketing! «É pena que

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Miranda do Corvo

HOJE E AMANHÃ — Como os temas em que me posso basear me parecem estar tratados, tudo me leva a fazer um resumo do que tem sido a minha vida, ultimamente, e algumas esperanças viradas ao futuro que pretendo alcançar.

Antes de mais, começo por dizer que, embora um tanto preparado para me lançar na vida, sinto-me ainda bastante apaixonado por esta Obra que me tem sido tão querida.

Outrora, eu era um moço com muitos mais complexos. Para mim, tudo o que ultrapassasse os limites da minha vida quotidiana, isso tudo eu via como o lançar-me num país desconhecido.

Nem todos poderão dizer o mesmo, mas para mim o serviço militar, feliz ou infelizmente, ajudou-me muito.

E falo assim porque hoje sinto que já sou outro. Com os meus 20 anos, para além das paredes de nossa Casa, eu estava na expectativa de ser chamado o mais depressa possível. Mas o dia estava prestes a chegar...

Não obstante, e na esperança de um novo ambiente, dentro de mim a toda a hora sentia uma luta melancólica.

Por conseguinte não era nada de estranho, era de certo modo uma coisa muito insignificante que, por vezes, os traumatismos das pessoas a faz mais complicada do que ela é.

Por vezes perguntava a mim mesmo:

— Porquê o medo de aceitar uma sociedade nova, na qual todos nós temos lugar?

— Porquê a excitação de a enfrentar e me inserir nela?

Graças, também, ao serviço militar, eu consegui lançar-me para além de todas estas interrogações.

Por isso, e colocando-me no seio desta sociedade tão diferente da maneira como a conjugava, consegui descobrir e aprender muita coisa.

Sei também que não devo ficar por aqui; pois a vida dá-nos muitas outras oportunidades em que possamos descobrir muito mais.

E, sendo assim, tudo será mais fácil e mais belo...

Já com uma amostra de pera e bigodé, recordo mais uma vez os meus 6 anos de idade, quando pedia ao sr. P.e Horário para me receber na Casa do Gaiato. Mas o tempo passa... Hoje, quase com 23 anos e o serviço militar cumprido, peço-lhe com muita mágoa a minha independência, confiante numa nova vida.

Embora não muito amadurecido, acho que é a altura de começar a mergulhar. Por isso concorri, já, como carpinteiro, e estou à espera de ser chamado.

QUADRA FESTIVA — Como já vai sendo hábito nos últimos anos, tivemos mais uma vez a presença dos nossos amigos de Coimbra, que, geralmente, no período das quadras festivas, aparecem sempre, procurando assim que compartilhemos também da sua alegria.

Tivemos Missa Dominical com início às 4 horas da tarde. Foram momentos de meditação que procurámos fossem alegres também.

Não obstante, houve depois um pequeno apontamento de variedades, com várias comédias, e como prato forte o Rancho dos Moinhos que me pareceu, embora com elementos muitos infantis, ter-se exibido «muitíssimo bem».

Nestes momentos de alegria e calor actuaram ainda os nossos «Batatinhas» que, por sinal, são sempre surpresa que não poderia faltar.

Ao fazer esta apreciação, não posso deixar de focar aquele grupo de jovens, rapazes e raparigas, que para nossa satisfação também deram o seu contributo.

Depois destes minutos acolhedores, a noite começou a descer e foi altura de nos dirigirmos para o novo salão onde se iria comer qualquer coisa.

Ficámos deslumbrados, pois mais uma vez os nossos amigos se saíram das cascos. Escusado seria dizer mais alguma coisa. Mas aquelas mesas, tão cheias de coisas boas, foram uma tentação.

Quase que poderia afirmar que ainda sobram sete cestos!

Depois da barriguinta atestada, a festa ainda foi maior.

Os músicos que acompanhavam o rancho começaram a afinar instrumentos e tambor. Então, toda a gente começou a deixar as mesas, colocando-as ao largo. Nasce, no centro, uma grande roda, onde todos cantámos e dançámos, acompanhados dos elementos do Rancho.

Por fim, e no meio de todo este entusiasmo, iniciou-se um pequeno baile, onde familiarmente os interessados tiveram a oportunidade de escolher o seu par e se divertiram da melhor maneira.

E foi assim a tarde do dia 8 de Janeiro de 1978. Não sei como agradecer todos estes mimos, todo este carinho, toda esta amizade!

Manuel António (ex-«Pretito»)

Paço de Sousa

INSTRUMENTOS MÚSICAIS — Continuamos ainda a nossa campanha!

Mais esta simpática carta de um amigo da Amadora:

«Para ajuda do vosso conjunto musical, envio 250\$00 que ia gastar no Totobola.

Como a sorte me tem sido adversa, troco a hipótese, bem incerta, de algumas notas de mil, pelas notas certas dos vossos instrumentos».

Recebemos ainda mais 100\$00 de Alcoentre.

Obrigado e oxalá apareçam mais ofertas.

Da nossa parte também não estamos parados. Como temos acordão, bombos e chocalhos, resolvemos fazer um conjunto típico a fim de organizarmos espetáculos e conseguirmos, assim, apurar verba para os instrumentos.

Com o tempo lá havemos de chegar!

Obrigado a todos os que nos quiseram ajudar.

TEMPOS LIVRES — Queremos agradecer a um Grupo Recreativo que, aos sábados, nos empresta uns

filmes que nos convidam a passar um tempo alegre e divertido.

Continuarão, certamente, a fazê-lo mediante as suas possibilidades. Obrigado!

GRÍPES — O hospital tem estado com malta gripada. E o Jorgito que tem medo de uma injeção?! O Oliveira também. Mas, por fim, e depois de muito chorar, lá se decidem.

O «Riera», como mais velho, mantém a ordem na enfermaria.

Aconchegado e quieto é o «Gágá». Só dorme. E refila com quem o acorda, mesmo para avaliar a febre!

O Zé Carlos, encarregado da limpeza do hospital e servente dos doentes, queixou-se de que tinha varrido a enfermaria e já estava cheia de lixo.

Verificámos que o «artista» foi o Oliveira, quando fazia recortes numa revista. Solução: ser ele mesmo a limpar e varrer o chão.

É assim, mais ou menos, a nossa vida quotidiana!

CONVÍVIO — Sábado, 21 de Janeiro, o nosso professor de Estética Gráfica veio dar-nos aulas, como de costume. Recebeu o convite para almoçar connosco. Aceitou. E cá passou um pouco da tarde.

Por volta do meio-dia foi o almoço; simples, como sempre, sem excepção. A comida estava ótima e a equipa tipográfica reunida numa só mesa.

No fim, dirigimo-nos ao bar, onde fomos tomar café. Mas, antes disso, o professor resolveu jogar ping-pong com o nosso melhor jogador, o Gonzaga. Não se pode saber quem foi o vencedor, porque o Conceição apelou para que tomasse logo o café...

Observou, ainda, os quartos dos chefes da casa 3 e acha ótima a ideia de se colocarem nas paredes posters dos cantores preferidos.

Mesmo assim ainda houve uma observação quanto à sua distribuição estética.

Esta é a segunda vez que aceita o nosso convite. Mas estamos certos de que o aceitará sempre que quisermos. Obrigado!

CASA-MÃE — No refeitório dos «Batatinhas» o encarregado da limpeza é o «Passarinho»; e no dos mais velhos é o Barros.

De quando em vez, resolvem ambos dar as suas voltas na hora do serviço. Daí, a limpeza nem sempre está como devia estar, por estes desentendimentos.

Mesmo na hora de trabalho se pegam por desentendimento! Claro, já várias vezes o P.e Abel os chamou à atenção.

Quem tem coragem de dizer que este serviço não custa?

De manhã, limpam as mesas, varrem os refeitórios, passam o pano e põem a mesa para o almoço. Depois, limpam novamente as mesas e tratam de varrer o refeitório, pois há sempre uma ou outra migalha no chão, etc.

Este serviço é feito enquanto a Comunidade está no recreio. Mas, depois, eles têm também o seu...

Entretanto, por volta das 15 horas, entram novamente de serviço. E, desta vez, não tratam do refeitório; ajudam na cozinha, se for preciso. Mais tarde põem a mesa para o jantar e, no final, aguardam que os lavadores da loiça a tenham em ordem para

a pôrem na mesa para o pequeno-almoço seguinte.

É talvez por esta monotonia que eles se procuram «esquivar»?...

«Marcelino»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

CONTAS — Nos primeiros dias de Fevereiro damos sempre, aos nossos leitores, contas do ano transacto. E, depois, aos quadros responsáveis da Sociedade de S. Vicente de Paulo.

É um dever que cumprimos escrupulosamente, intermediários que somos da generosidade de tantos Amigos, alguns dos quais — sublinhamos — tiram à própria boca aquilo que dão aos Outros! Actos heróicos que sacralizam; ainda mais, os valores distribuídos, à roda do ano, pelos Pobres e pelos Auto-construtores.

Em 1977 recebemos por intermédio desta coluna 146.140\$00 e 2.535\$50 de outras proveniências.

Distribuímos, em dinheiro, pelos Pobres, 54.565\$00; em géneros alimentícios, 43.663\$40; noutras despesas, 3.890\$00; e mais 30.000\$00 por dez Auto-construtores, na média de 3.000\$00 por cada um.

Enxugámos muitas lágrimas. Alivíamos muitas dores. Suprimos injustiças flagrantes que já deveriam não existir — e existem! Acarinhámos e demos a mão, pelo menos, a dez Auto-construtores; tanto materialmente como noutros aspectos que se prendem com dificuldades burocráticas, recurso ao crédito, etc., etc. Só quem pega na cruz, nesta cruz de levantar uma casa pelas próprias mãos, compreende em toda a extensão — e na própria carne — o longo calvário a percorrer. As noites de insónias. Os calos nas mãos. O cinto apertado. A total ausência de tempos livres e de descanso normal. Os elevados custos dos materiais, etc., etc.

VIÚVAS — Há clamorosas injustiças que permanecem!

Lembram-se daquela Viúva cujo marido faleceu electrocutado, no trabalho, em 1966, electricista do quadro de uns Serviços Municipalizados — implicitamente funcionário da Autarquia — a qual Viúva, durante anos, só recebeu uma cêdea da companhia de seguros?

Tomámos a iniciativa de entregar, pessoalmente, a resolução do caso nas mãos do actual presidente da sua edilidade, que nos comunica «tudo continua como dantes»: ela não poderá receber a pensão de sobrevivência (a que tem direito...) porque ainda não saiu legislação aplicável — como já aconteceu, oportunamente, para os familiares dos beneficiários da Previdência.

O assunto deveria merecer a atenção do próximo ministro da Administração Interna. Pois, como é óbvio, uma decisão governamental prestou justiça numa banda e esquece outra: os familiares de funcionários dos Serviços públicos!...

Depois de alinhavarmos estas linhas, topamos um recorte do «Jornal dos Reformados», que transcrevemos com a devida vénia. Eles não olham só

para si, também para os Outros — em pior situação. Ora ouçam:

«É verdadeiramente angustiante a situação de milhares de Viúvas portuguesas.

Vivendo em condições sub-humanas, à míngua de alimentos e de assistência medicamentosa, dezenas de milhares de Viúvas aguardam há longos meses, há anos mesmo, que a Caixa Nacional de Pensões comece a pagar-lhes a pensão de sobrevivência a que têm direito... Pensão que, em muitos casos, não chegam a receber, porque, entretanto, morrem de fome... Outras há — e aqui referimo-nos particularmente aos milhares de Viúvas de funcionários públicos que vivem na miséria — que, tendo os seus maridos descontado anos e anos para a Caixa Geral de Aposentações não têm direito a qualquer pensão... porque ainda se mantém em vigor legislação anacrónica.

O problema das Viúvas é gritante! Não podemos ficar indiferentes perante a sua grave situação.»

PARTILHA — Logo na frente vai a «Assinante do Seixal» com parte do seu salário: 1.300\$00. Depois, temos a assinante 11162, do Porto, com a «migalhinha habitual». E mais 100\$00 do assinante 23318, de Lisboa. E 150\$00 da rua Pascoal de Melo, também da capital. Vancouver (Canadá), vinte dólares. Oliveira do Douro 500\$00, exigindo o «anonimato habitual» e pedindo clemência ao Pai do Céu para as almas do Purgatório.

Mais 100\$00 de Fafe, assinante 13109. Lisboa: sobras de Aurora, 50\$00 de Maria Antónia e 300\$00 de Beatriz. Assinante 1032 manda algo para os Pobres «em sufrágio das almas dos meus Pais». Mais 100\$00 de algures, «migalhinhas dadas com muito amor por quem desejava dar mais». E mais sobras da assinante 29098. A presença habitual do casal assinante 17022. E 500\$00 do n.º 4456, da Covilhã. E 100\$00 de Algueirão, pedindo um sufrágio por um irmão, «falecido muito jovem e com um futuro muito promissor». Rossio de Estremoz: continuem! Por fim, 100\$00 de Hermínia, d'algures. Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

CARTAS

Vila Nova de Gaia:

«Depois de mais um ano que chegou ao fim, venho desejar-vos muita força, ânimo e coragem para este 78 que se inicia.

Embora reconhecendo que o ano findo não correspondeu inteiramente às aspirações que dele se esperava, de novo ponho no início deste ano a esperança de mais Paz, Alegria, Compreensão e

Cont. na 3.ª pág.

TRIBUNA DE COIMBRA

Natal. Que pena o Natal ser só um dia! Que pena o Natal ser só uma quadra! Que pena o Natal ser só uma vez! Que pena o Natal não ser para todos! Que pena aqueles que não têm Natal!

Dias cheios de trabalhos! Dias cheios de preocupações! Dias cheios de esperança! Dias cheios de amor! Foram estes os nossos dias de Natal.

Um dos maiores motivos de alegria é a presença dos que só podem vir nesta altura. Os que criámos e agora trazem os filhos já maiores do que os pais eram! Tudo são saudades! Tudo são lembranças! Sentimos na alma a marca de que somos família.

É também causa de muita alegria a presença de muitos Amigos. Vêm sózinhos. Vêm em família. Vêm em grupo. Os dois grupos que fizeram recolha de muitas lembranças e dinheiro e vieram viver connosco duas tardes de domingo e encheram a nossa vida de mais alegria.

O Amigo a quem encomendámos a telha para a nova escola e no-la ofereceu. O Amigo que, como de costume, nos mandou entregar cinquenta pares de botas. Aqueles que em segundas-feiras de venda de O GAIATO nos esperam à porta da Sé de Castelo Branco. A pasteleira que foi levar bolos-

-rei ao nosso Lar de Coimbra.

Três mil entregues ao nosso vendedor em Leiria; mil pela Mãe que Deus chamou e que esteve sempre muito na nossa vida. Senhora de Coimbra que algumas vezes entrega cartas a um dos nossos vendedores; 150\$ no Lar; mais 1.000\$ no Lar; mais 100\$ e bolachas também no Lar; 500\$ e roupas e oferta mensal anónima de Miramda do Corvo; vale de 4.000\$ de Lisboa para a nova escola; 500\$ e visita de Senhora da Figueira; a visita e as lembranças do «Tio Zé de Fátima». Senhora da Lousã que vem de vez em quando.

Dois pequenos cheques de «amiguinhas» de Mação; 3.000\$ em casa de casal amigo da Covilhã; os vales mensais de Vilar Formoso; a visita da Escola de Enfermagem de Leiria; carta e roupas de Cabaços; 100\$ que eram para flores para a campa do marido; as cotas de 100\$ e 20\$ todos os meses, entregues a vendedor; vale de Tomar; 2.000\$ em vale, de S. João da Madeira; 100\$ em cheque de Oliveira de Azemeis; vale de médico de Vilamar; 200\$ que Senhora de Proença entregou a nosso vendedor; as ofertas mensais pela Mãe Ana da Covilhã; lembranças muito carinhosas e preciosas de velhas Amigas de Castelo Branco. Cheque de médico de Coimbra a desejar educação cristã para seus filhos. Esta presença e esta inquietação ajuda-nos a inquietar-nos mais pela educação cristã dos nossos. Há, hoje, tantos pais cristãos que pouco ou nada parecem preocupar-se com a educação cristã de seus filhos! Hoje deixamo-nos

encantar tanto pela falsa liberdade que se apregoa!

Uma Avó; 1.000\$ a vendedor; dois cheques da Mealhada; cheque das Conferências de S. Vicente de Paulo de Anadia; 2.000\$ de Professora vizinha; oferta anónima de outra; muitas lembranças dos nossos em dinheiro e mimos; médico de Aveiro; 2.000\$ de família de Aveiro; casal da Lousã; cartas da Covilhã; cartas de Castelo Branco; 1.500\$ em cheque do Fundão; 100\$ de Portalegre; 200\$ de Serpins; 1.000\$ em cheque de Cebolais; cheque de Tomar; vale de Oeiras; cheque de Pombal; cheque e vales do Luso; cheque de Lisboa; vale da Covilhã; cheque de Cacém; cheque de Castanheira de S. Jorge da Batalha; carta do Estoril; vale de Antes — Mealhada.

Mãos estendidas em Medelim; mãos estendidas em Castelo Branco; mãos estendidas em Santa Cruz; mãos estendidas na Ultraia; mãos estendidas nas ruas; mãos de sacerdote; muitas mãos da minha aldeia. Todos os que tão amorosamente se dirigem à Casa do Castelo. Todos os que têm de fazer a subida e a descida até ao nosso Lar. A Senhora de Leiria que juntou cobertores que fomos buscar. O casal que tem pastelaria na Lousã e nos veio deliciar.

A Comissão de Fundos do F. C. União de Coimbra quis também participar do nosso Natal. A Confraria da Rainha Santa não faltou. E os Amigos de Tomar e de Leiria a celebrarem e a viverem um Natal Feliz.

Padre Horácio

CONTRASTES

O Inverno é a estação menos cantada. Da Primavera canta-se a força e a vida que transmite; do Verão o calor e a alegria; do Outono a beleza do matizado das folhas. O Inverno é frio, desagradável, despedido. Assim, sentimos a nossa vida pobre, pouco recheada dos confortos quentes. A alegria é por isso mais difícil...

São os rapazes que facilmente se molham. São os agasalhos que os tornam menos airosos, mais nervosos; a chuva constante ou o frio agreste. Se nós sentimos o Inverno — não nos faltando o essencial — que se passará com quantos, ainda tão carecidos, neste Portugal que não quer encontrar-se com as realidades dolorosas de muitos dos seus filhos?

«Estou há muito doente, com baixa da Caixa. Aguardo o subsídio, mas até ele chegar como poderei sustentar a família?»

«Estou viúva; três filhos; não tenho emprego; as vizinhas ajudam um dia, no outro es-

quecem-se. Como criar os meus filhos?...

O Inverno assim é mais frio... de frio — queima as nossas consciências!

Os homens e as mulheres saudáveis, de braços fortes, neivindicam, fazem greves. A sua voz ganha força pela utilidade do trabalho, porque têm que dar em troca. Mas os Fracos, os Velhos, os Doentes, quem os ouve?! Não ameaçam, não fazem guerra, não são perigosos, apenas se queixam. Queixas que podem ser ignoradas facilmente por quem as não quiser ouvir.

Por egoísmo que a todos atinge com mais ou menos força, só se vê o mal quando bate à nossa porta... Então, sim, é sempre grande, pesado, duro, importante. Com o dos Outros pode-se bem.

A falta de fraternidade instalada nas sociedades gera a dor, o tédio, a insatisfação na vida... E, também, a angústia — que é um dos males do nosso tempo.

Padre Abel

RETALHOS DE VIDA



O «RITA»

Sou natural de Gondomar, onde nasci a 17 de Julho de 1960.

Vim para a Casa do Gaiato de Setúbal porque tinha cá um irmão e a vida em minha casa não corria bem. O meu irmão telefonou para a minha mãe se eu queria vir para Casa do Gaiato e disse-lhe que sim. Agora cá estou, há 6 anos, e sinto-me bem. Estudo e, durante as férias, trabalho.

Um abraço do

Augusto Fernando das Neves («Rita»)

Calvário

Cont. da 1.ª pág.

— Se a não tem, devia arranjá-la, que eu fiz o mesmo.

Todos nos instalamos, mesmo ao serviço da Igreja. O Evangelho não fala da vocação do Samaritano para curar as chagas do homem que encontrou no caminho de Jericó? Se aquele se quisesse escrupulosamente, a conjecturar em vocação para tal, ainda hoje, por certo, lá estaria o pobre homem estendido no chão.

Quem pensa mais nos Outros e menos em si próprio? Só o Samaritano. Mas que é feito deles e delas hoje?

Padre Baptista

Um caso

Foi agora mesmo. O lume ainda crepita.

Íamos atravessar a porta da nossa Aldeia, junto ao depósito cantarolando água de Calves. Pedra musgosa, carcomida dos anos.

Espera-nos o ti Pedro, com um sorriso nos lábios!

— Pére. Pére! Tome lá.

De um maço amaralhado dá-nos um cigarro «Kentucky»!

Não fica por aqui: «Pére Pére!» A mão trémula ergue o cigarro dele, já pirisca, para acender o nosso!

— ...

— Deram'uns maços...

Sorri como uma criança! Alegre. Feliz. Tão alegre e tão feliz que não poderia gozar sózinho a satisfação da oferta: e partilha. É assim a alma dos santos da terra e do Céu.

Descemos as escadas. Mostramos a Padre Moura. «Um cigarro proletário!...» Contamos o sucedido. Ele remata: «Mais sabor tem».

Ao lado, d'olhos arregalados, o irmão do «Zig-Zag» escuta curiosamente. Perguntamos o que é um santo. «Um santo é um abraço» — responde o pequeno.

No caso vertente não poderia ter dado melhor definição — sem bulir nos cânones!

Júlio Mendes

CARTAS

Cont. na 2.ª pág.

Amor entre todos os Homens

Infelizmente muitos olhos tapados e muitos corações fechados existem para que não consigamos mudar um pouco».

Setúbal:

«Aqui estou, desta vez sem atraso, a enviar-vos o cheque anual, desta vez de 300\$00 sendo assim a distribuição 100\$00 para O GAIATO 100\$00 para o Calvário 100\$00 para a offset. Bem sei que 100\$00 não é nada mas muitos 100\$00... O que é preciso é que O GAIATO não deixe de se fazer, senão lá ficava eu sem ter jornal para ler! É o único que eu leio e que entra em minha casa. Leio-o eu e o meu Marido».

Aqui, Lisboa!

● Pôr em causa a gravidade dos problemas ou minimizar a sua amplitude não aproveita a ninguém. Não percebemos mesmo como é que surgem teóricos, políticos ou não, que sem a mais pequena noção das realidades, se arrogam ao ponto de duvidar que o teor da vida geral se tem deteriorado gravemente. Quem nunca teve dificuldades a vencer ou não participou ou comungou concretamente delas não pode fazer ideia dos escolhos a ultrapassar em ordem à simples sobrevivência quotidiana.

Temos afirmado, por escrito e oralmente, que a questão habitacional atingiu índices ou proporções de degradação e de penúria como nunca. De há dezenas de anos, porém, que andamos metidos nestas coisas, entrando em tocas e tugúrios, visitando famílias em barracas e partes de casa, ouvindo e auscultando as pessoas, bem

e mal instaladas ou aspirantes a melhorias ou à constituição dos seus lares. Falamos, pois, daquilo que sabemos, embora sem preocupações demagógicas ou pretensões que não sejam o bem das pessoas e da sociedade em que nos situamos.

É um facto incontroverso que não há casas e as que existem atingem preços incomportáveis para a maioria dos seus pretendentes. Que o digam aqueles que procuram constituir família ou que têm de mudar forçosamente de residência, em virtude de emprego ou de outras razões. Duas e três assoalhadas, na periferia de Lisboa, não se encontram por menos de cinco, seis, sete contos ou mais. A situação é mesmo caótica neste sector da vida social, como aliás em muitos outros.

A construção é caríssima. Materiais e mão de obra estão

pelas ruas da amargura. Logo, não são de esperar rendas acessíveis, pelo que só o aumento dos réditos familiares ou o estabelecimento de abonos de habitação aos agregados familiares sem casa poderão ajudar a resolver as dificuldades, em conjugação com larga difusão da chamada construção social, por parte do Estado e das autarquias, e o incremento da iniciativa privada, mormente da Auto-construção, pela concessão de facilidades fiscais e outras. Há neste País uma burocracia paralisante que dificilmente será vencida ou, então, cai-se, sobretudo ultimamente, no extremo exposto, deixando edificar sem as menores condições de salubridade e de dimensionamento e sem as estruturas básicas indispensáveis. Resultado prático: ou não se constrói ou o que se faz deixa muito a desejar ou é mesmo muito mauzinho. Entretanto, os problemas agravam-se a cada instante e ficamos cada vez mais longe da sua solução.

Os Governantes deste País têm de se capacitar que só com planos arrojados e realistas se podem encarar esta e outras questões e que da sua resolução depende o efectivo bem-estar e a promoção das camadas populacionais. Ao contrário, a vida familiar e social deteriorar-se-á, correndo-se o risco da criação dum mundo impenetrável de marginais e de grupos despersonalizados, diríamos a-sociais, sem consistência ou sedimentação e, conseqüentemente, de gente revoltada, carecendo de normas ou de princípios humanos, ao sabor de doutrinas aventureiristas. A sociedade, em geral, e à Igreja, em particular, convém equacionar urgentemente as resultantes trágicas de toda a apatia ou incapacidade para encarar os problemas surgidos: políticos, sociais, morais, jurídicos, pastorais, etc.

Quem entra, por exemplo, no «mundo» dos chamados bairros de lata e procura reflectir, para lá da promiscuidade, da porcaria e das condições desumanas observadas, encontra um «tipo» de pessoas, que não corresponde, nem pela sua linguagem ou teor de comportamento, ao que é comum observar. Se chove, todos se acantonam e não sabemos como, nas tabernas ou nas casas (?) respectivas; se o tempo o permite, grupos de pessoas, muitas delas sem ocupação, crianças sem escola e animais saem à rua. Gatos e cães; vendedores ambulantes, mulheres dando à língua; europeus, africanos e cigamos; tanques de lavar roupa e caixas com flores são quadros, entre outros, em que não raro há até uma certa poesia. Fica-nos, porém, a convicção de estarmos num outro mundo, em retrocesso, desconfiado e com outros esquemas de vivência. Dentro de nós há náusea e frustração e quase nos invade uma certa revolta contra as coisas e as pessoas que assim deixam viver (?) os outros homens. Mas

logo nos invade a esperança, que esta deve ser a última coisa a morrer no nosso coração, de ver tudo modificado, pelo empenhamento sério dos Homens com poder neste País. E sem querermos ser utópicos, vislumbramos crianças felizes a brincar no lugar próprio; sonhamos com os desempregados a trabalhar e menos gente nas tabernas; vemos menos marginais, menos prostituição e doenças; enfim, sentimo-nos mais perto e irmãos uns dos outros. Mas quando será esse dia?

● A mãe abandonou-os há anos. Andou por lá e o pai veio trazê-los aqui, primeiro os dois mais velhos e depois o terceiro. Há dias veio raptá-los, porque não queria que fossem a casa do ex-marido. Que vai ser das crianças? Por não sabermos dar resposta ou

por a prevermos bem trágica, sofreremos. As vezes, com as estruturas jurídicas que nos regem, nem sabemos qual é o nosso papel neste jogo todo! Aqui fica a partilha, que por causa das rosas também tocamos nos espinhos! E, com frequência, bem dolorosos!

● Tivemos um presentimento: o nosso «segredo» da quinzena passada terá sido escutado por alguém. Veremos, pois, se os utentes das novas casas a inaugurar terão os respectivos aparelhos de televisão e de rádio. Dar-se-á aqui notícia, para não armazenarmos, já que os nossos critérios excluem perspectivas comerciais, como escrevemos.

(Casa do Gaiato de Lisboa — S. Antão do Tojal — Loures)

Padre Luiz

LANÇAMENTO DO SEGUNDO VOLUME «DOUTRINA»

Cont. da 1.ª pág.

Lisboa:

não usem outro tipo de letra para o título. Temos, por experiência, que este tipo de letra não ajuda nada a venda do livro.»

É uma opinião... comercial. O certo, porém, é que os livros de Pai Américo não são escoados pela lei da oferta e da procura.

Salientamos a presença amiga de alguns membros do Episcopado, que Pai Américo respeitou escrupulosamente: nihil sine episcopo. Por isso, ouçamos um Bispo do norte do País:

«Venho agradecer o segundo volume de DOUTRINA, do Pai Américo. Prosa admirável, como admirável foi o espírito donde brotou. Lendo agora as páginas em que se fala do Gerês, eu recordo o Pai Américo ainda mais ao vivo... Lá o conheci, o ouvi, o admirei; desde então, ele vive e viverá em mim.»

Mais correspondência dos leitores! Ela é tanta que só poderemos inserir a que for possível.

Alcobaça:

«Foi com singular satisfação que li o segundo volume DOUTRINA, igual àquela com que li o primeiro e com que tenho lido todos os outros do mesmo autor. E isto é tanto mais para admirar quanto é certo que sendo cristão não sou católico...»

«Este volume vai juntar-se aos restantes que constituem a fonte de refrigério a que recorro quando atormentado e desiludido pela maldade e injustiças desta nossa sociedade...»

Coimbra:

«Envio 200\$00 para O GAIATO e o livro DOUTRINA que tiverem a gentileza de me enviarem. É muito pouco para tantos ensinamentos.»

Não sou rica de maneira nenhuma. Sou remediada. Mas com este pouco, antes de ler os livros de Pai Américo não distribuía, não dava do pouco que tenho. Só depois da sua leitura é que comecei a distribuir, mas ainda não cheguei à perfeição de fazer sacrifícios para poder dar mais; mas confio em Deus e no espírito do Padre Américo, inquietando-me ainda mais — como ele tanto gostava de dizer.»

Outra vez Lisboa:

«Só há dias regressiei a Lisboa, onde vim encontrar o novo livro do Pai Américo.»

É mais uma obra excelente, onde os acontecimentos da vida hodierna são tratados e vistos à luz sempre actual dos Evangelhos.»

Ficamos por aqui. E ansiosos, também, que todos possuam o DOUTRINA. E, para os mais motivados, as restantes obras de Pai Américo.

Júlio Mendes

Malanje

● Perdida na distância a velha Missão do Mussolo é hoje alimentada por três irmãs leigas brasileiras. Da velha residência fizeram centro de costura e trabalho; e elas vivem no meio da senzala em casa de adobes. A maneira simples e amistosa como elas tratam a gente, conquista os corações.

Toca de novo o velho sino... E o seu eco pelas matas é sinal que ultrapassa as pessoas e as coisas.

O velhinho P.e Luiz, francês, ali aguentou estes tempos duros não tendo sequer um carro para se deslocar e abastecer. Solidário com a sua comunidade, suportando com ela o mesmo destino.

Logo que chegaram as irmãs, avançou mais cento e cinquenta quilómetros para fazer a presença do Senhor na Missão do Luquebo — a 300 quilómetros de Malanje. Não tem carro, carreiras ou avião. De vez em quando apanha uma bofeia e são três dias de aventuras.

Na próxima vez vou perguntar ao P.e Luiz se nos seus dias de fome costuma lembrar as montras abarrotadas de pão, carne e fruta na sua terra.

Talvez ele pense antes no cemitério da missão do Mussolo. Abandonado, sem muros, comido pelo capim..., onde quatro cruces assinalam quatro missionários na sua entrega total!

Pois — nem tudo perfeito no trabalho missionário. Mas que homem, nação ou sociedade reúnem toda a perfeição? Onde o homem, aí a marca de suas falhas.

Não seremos honestos se, por má vontade, não reconhecermos o bem que existe, o esforço para o conseguir e a luta, tantas vezes heróica, pela conquista do um Mundo Melhor.

P.e Luiz meio perdido na reserva da Palanca Preta, com o seu punhado de arroz e mandioca assada, vive com o Povo e o ajuda. Não oprime. E onde a alienação?

● Nem sempre dias claros na nossa Casa de Malanje.

Dia 10 um rapaz da senzala café do atrelado do tractor. Quanto aborrecimento e trabalho!

Dia 12 m'apareceram o Pedro, «Pirata» e Joaquim que tínhamos posto fora da Casa por infidelidade, na esperança de eles acordarem. «Que lhes perdoássemos. Que a vida lá fora era dura.»

Dia 13 passei o dia em Casa a fazer de senhora... Tão pouco jeito tenho! Roupa mal cosida, cozinha em desalinho. «Batatinhas» (os mais pequeninos) com sede no olhar — sede de qualquer coisa que não consigo. E então vem a angústia, que a falta de uma senhora dedicada faz nascer.

Amanhã, preciso mesmo, irei para o campo ver os zebús... Os «Batatinhas» talvez não tomem banho... O «Gindungo» e o «Trigo» irão às mangas na hora da limpeza.

Tanta senhora disponível que não tem coragem de deixar tudo e vir servir as crianças — nesta vida escondida e modesta ao nosso olhar — mas grandiosa ao olhar de Deus!

Padre Telmo

